

A cor da palavra: forma e sentido na poesia de Salgado Maranhão

156

Valdemar Valente Junior

Universidade Castelo Branco

Resumo:

Este artigo busca abordar aspectos da poesia de Salgado Maranhão como uma das mais importantes das últimas décadas no Brasil. Herdeira da relação que se estabelece entre poesia e cultura de massas, inserida na dinâmica dos eventos do mundo contemporâneo, opta por configurar diferentes diálogos sem desprezar o rigor formal que se alia à força da palavra transgressora como seu mérito mais elevado.

Palavras-chave: Poesia; Contemporaneidade; Cultura.

Resumen:

Este artículo busca abordar aspectos de la poesía de Salgado Maranhão como una de las más importantes de las últimas décadas en Brasil. Heredera de la relación que se establece entre poesía y cultura de masas, incluida en la dinámica de los eventos del mundo contemporáneo, opta por configurar diferentes diálogos sin desprestigiar el rigor formal que se alía a la fuerza de la palabra transgresora como su mérito más elevado.

Palabras clave: Poesía; Contemporaneidad; Cultura.

O que se chamou de Poesia Marginal ou Geração Mimeógrafo, mais que a busca por um nome de batismo, para efeito da inserção no cânone brasileiro de alguns de seus mais importantes poetas como Ana Cristina Cesar, Cacaso e Francisco Alvim, representou a possibilidade de sobrevivência das utopias e da liberdade sumariamente amordaçadas pelo rigor da censura imposta pelo regime militar. Mais que buscar na poesia a desobstrução de uma via que levasse a uma reação explícita à situação de exceção que se fazia presente, a pluralidade das expressões poéticas desse tempo configurava uma série de demandas no âmbito da particularidade referente aos múltiplos desejos que buscavam uma evasão pela saída do labirinto.

Por isso, a pluralidade temática de que essa geração lança mão corresponde ao sentido de participação que faz da poesia um canal de expressão da juventude ávida por se colocar diante do mundo. No rastro da Geração Beat e do Tropicalismo, esse sentimento de libertação assume situações bem mais amplas, discutindo questões praticamente inéditas no âmbito da poesia brasileira, a exemplo dos relacionamentos abertos, do lugar da mulher, do homoerotismo e das drogas. Surge dessa urgência por espaços, no plano do essencialmente circunstancial, o fator que debilita essa poesia quase sempre restrita a um determinismo de época, não havendo, na maioria dos casos, como situá-la para além do tempo de que se utiliza como matéria que a fundamenta.

Como condição de diferença diante do meio em que se insere, alguns poucos poetas transpõem o espaço geracional para inscreverem a poesia que produzem como um alimento que se faz indispensável. Entre estes, inevitavelmente, insere-se o nome de Salgado Maranhão. Remanescente desse momento de profunda inquietação poética, que teve lugar na década de 1970, sua poesia funciona de modo a ir muito mais adiante, superando os limites, circunstâncias de tempo, na condição de obra madura que marca presença a partir da dicção original de que se serve como seu elemento de maior relevância.

No que tange à Poesia Marginal, a soma de todos os seus elementos geracionais dispersos, segundo o poeta Cacaso, resultaria em algo com “um vasto poema coletivo, cuja matéria seria a experiência histórica do período da repressão, e cujo autor seria a geração daquele decênio, vista no conjunto, ficando de lado a individualidade dos artistas” (SCHWARZ, 1999, p. 212). No entanto, muitos foram os que

se perderam na trilha, desviando-se nas curvas perigosas do percurso. Se a poesia desses anos pode ser vista como resultante da experiência coletiva, os resultados individuais, por falta de elementos essenciais que pudessem consubstanciar proposta e produção, acabaram restritos a um *corpus* relativamente pequeno, se for considerada a quantidade de poesia mimeografada que inundou o país.

Assim, a poesia de Salgado Maranhão frutificou ao superar cacoetes estilísticos para se confirmar como expressão singular da contemporaneidade brasileira. Por esse meio, o poeta busca pisar com firmeza o chão da palavra, pavimentando com cautela e precisão cada passo percorrido nessa caminhada. Decorre daí a maturação de uma produção poética relevante, que se impõe pelo rigor artesanal de quem a manuseia. A apreciação de seu produto final, essência do tempo, condensada em obra poética, acompanha a sucessão de sinestésias e sensações que se apresenta sem excessos, na medida certa do que solicita a expressão do espírito e a força do desejo de cada um.

Ao recorrer à abordagem acerca da compreensão da literatura, Antoine Compagnon enfatiza que “os grandes escritores (os visionários) viram, antes dos demais, particularmente antes dos filósofos, para onde caminhava o mundo”. (2006, p. 37). De fato, a poesia de Salgado Maranhão situa-se em degrau acima, enfocando os dilemas e os dissabores de um mundo sem coração a partir do distanciamento que viabiliza a eficácia e o privilégio desse olhar. “Poetar é simples, como dois e dois são quatro”, afirmou Torquato Neto. (1973, p. 19). Ser poeta, no entanto, implica a atitude cotidiana de assumir um ofício para o qual não são requisitadas vagas de mercado, e cujas ações frequentemente oscilam no pregão.

Assim, *A cor da palavra*, coletânea com parte expressiva de sua obra já editada, situa-se entre os melhores livros de poesia produzidos no país nos últimos anos. No rastro do que representa o elevado nível de concisão nas obras de Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Mário Faustino, a poesia de Salgado Maranhão amplia seu espaço de atuação, dividindo o benefício do verso, que se dirige a uma espécie de humanidade desencantada, mas mantendo seu rigor formal como valor inalienável. A sequência que orienta seu trabalho

concorre para que cada poema esteja muito além da condição de mero acidente de percurso, senão da consciência plena do exercício poético inerente à respiração que sustenta a própria vida:

minha sina é uma canção
de amor no temporal.
desliza sobre mares
rola sob viadutos
ruínas e paixões.

meu coração quasar rasante
(vale-transporte para a via láctea)
brota sob o carpete,
sobre os alagados
e as cinzas do não.

(ó sina que me arremessa
na canção do temporal!)

do acervo do não ser
a essência das coisas range
pedindo para nascer.
(MARANHÃO, 2009, p. 21)

A pulsação dos absurdos que se integram ao cotidiano como material indispensável se reproduz no manuseio dessa poesia. A observação precisa do poeta promove uma reciclagem de injustiças, ratificando o sentido essencial da dignidade que a poesia tem o poder de conferir. “A poesia do presente é a poesia ordinária, isto é, de todas as ordens, que é imemorial uma vez que é impossível guardá-la na memória para preservá-la, pois envolve todos os tempos, já que sempre esteve aí”. (SCRAMIM, 2007, p. 100). Assim, o que pode intuir uma sugestão acerca da negação das coisas que se acumulam pode também conferir a surpresa temática da renovação permanente que atinge o clímax dos contrastes:

o voo da garça solitária
esgarça o brilho da manhã.
plana sobre os edifícios
da cidade agonizante
(parabólica em suas antenas).
mas o sol não se incomoda
e segue cego
indiferente a todo o gesto
a reger sua ópera
de raios.
(MARANHÃO, 2009, p. 45)

O efeito sensorial que se efetiva em sensações muitas vezes indizíveis sugere a participação do leitor, a quem é conferida a possibilidade de dar continuidade ao poema quando o texto aparentemente se encerra. O sentido lacunar de uma poética plena de sugestões visuais e sonoras supera de longe sua própria geração em nome da singularidade dos caminhos que oferece. De modo específico, a poesia de Salgado Maranhão não apresenta qualquer desnivelamento que a faça oscilar, atendendo à natureza do poeta iniciado nos caminhos da filosofia oriental. Mesmo quando expressa seu mais elevado teor de indignação acerca da sociedade em seu desajuste não deixa de levar em conta sua porção de sobriedade, primando pela justeza que a caracteriza em sua feição absoluta.

160

Salgado Maranhão advém de um tempo de dilaceramento dos desejos quando o regime de exceção busca violentar o sentido pleno de exercício da liberdade de uma geração que encontra nas frestas do sistema os possíveis meios de se expressar. O jovem maranhense chega à grande cidade sabendo de antemão o que significa trilhar a linha limítrofe entre o ser e o nada no universo das vontades que se volatizam, pulverizando-se no abismo do fim. Em contato com uma geração que, com boas exceções, marca presença muito mais por suas atitudes que pela produção de uma poética considerável, sua poesia se impõe pela perenidade, superando a situação temporal para pontuar decisivamente como manifestação de um estilo cuja sobriedade lhe sugere condição superior:

O percurso de Salgado Maranhão chega à maturidade conservando a personalidade poética coesa e a lucidez tão perigosa quanto libertadora, peculiares de sempre. Em seu espaço poético, leem-se uma apurada atenção ao que há de poética expressiva, uma riqueza polissêmica, estruturas formais próprias e uma tessitura semântica distinta. Sua leitura de mundo é subversiva em relação aos tempos e espaços remetidos e revela-se quando desvela os questionamentos filosóficos e de estado de alma apresentados nos poemas. A voz, que ecoa no amago dos poemas, é alardeada, consciente da contingência do existir. Sua busca, incessante, é por “um sol que o mar não conhece”. O pacto é com a palavra, que se transubstancia no próprio objeto, indo além da relação individual e de suas alternâncias imaginárias. A matriz é o universo em seus aspectos simbólicos, e o consagrador são as metáforas valorativas de expressão moderna. O som dos vocábulos, que confere à escrita um

ritmo brusco, abrevia o hiato até a representação mental. O distanciamento lógico, percebido nos poemas, também é um modo de significar as relações entre o homem e o mundo. (SOUZA, 2012, p. 7-8)

Moldar as instâncias da vida constitui-se em desafio. No entanto, o índice de sofisticação das peças produzidas amplia o sentido de uma obra que se serve indistintamente de diferentes materiais. A poesia especializa-se, atendendo à demanda de um processo acelerado de transformações. “Em parte, isso se deve ao fato de vivermos numa sociedade na qual a divisão do trabalho atingiu um ponto muito alto de complexidade”. (LAFETÁ, 2004, p. 453). Nesse sentido, Salgado Maranhão supera os meios de atuação de seu tempo, na medida em que se utilizou de modo episódico dos mecanismos que correspondem à informalidade da Poesia Marginal, sem deixar de ter o olhar firmado no estava por vir.

Diante disso, sua poesia sempre se postou no espaço de intermediação entre a cena e o bastidor, em movimento de ida e vinda, expondo-se ao brilho do sol e preservando-se à frieza da chuva, o que lhe garantiu o sentido de permanência do que se faz essencialmente belo e necessário. O poeta em sua trajetória não negligenciou em nenhum instante, sob qualquer pretexto, do domínio absoluto do que representa sua mais legítima vocação, sua profissão de fé, como queria Olavo Bilac. No entanto, diante do que preconizava o Príncipe dos Poetas, Salgado Maranhão inverte o sentido da arte pela arte quando embaralha os termos da existência como quem é capaz de cerzir o tecido esfarrapado do que logo em seguida há de se rasgar:

No bilro – em conta-gotas percussivo
como num fio de orvalho rutilante –
enreda-se a rendeira, em gesto altivo,
como se o voo das mãos dissesse: cante!
E diz, no labirinto remissivo
de que se cruzam conflitantes
pelo refrão de outro tear-arquivo,
que o tempo descostura a cada instante:
o coração, que em sua tecelagem
de ritmos e reveses leva à estiagem
o sopro da existência e sua lenda,
num fluir secreto e com tal voltagem,
que o que se tece já não é a renda,
é a própria vida que se desemenda.
(MARANHÃO, 2009, p. 291)

Os arremates com que o poeta agencia a condição rigorosa de sua obra estendem-se em continuidade com a vida, de maneira inseparável. Viver é poetizar o próprio abismo das coisas como um sambista que transforma em canção a tragédia de seu barraco no morro, levado pelas chuvas do verão. Por isso, na poesia de Salgado Maranhão, a miséria humana encontra, mais que a compaixão, uma porção excessiva de generoso entendimento, o que de modo algum significa aceitação. Assim, o poeta rebela-se em sua fúria silenciosa de mestre zen, para quem o protesto se apodera da exatidão das formas de que se serve. A esse respeito, Benedito Nunes observa: “Se desapareceu a crença na eficácia social da palavra poética, que alentou as décadas anteriores, não quer isso dizer, porém, que a sensibilidade política coletiva tenha desertado da poesia”. (2009, p. 172). E por essa via a poesia se expressa:

A cápsula de AR-15 rola no pó
sob a mira do tempo exausto. Remete
ao instante em que a pólvora desova o estampido:
a dose de fúria que deflagra o grito e o tombo.

A cápsula exposta ao alcance dos olhos e do susto.
E todo o eterno impresso num relâmpago.
(MARANHÃO, 2009, p. 267)

Se de algum modo tocou a Manuel Bandeira definir a poesia como sua “vida verdadeira” (1980, p. 1), cabe situá-la como a única vida de Salgado Maranhão, para quem a consciência plena acerca da transitoriedade do tempo não o impede de reafirmar em gesto seu permanente estado de poesia. Por isso, as discrepâncias de um universo de onde advém a inspiração que lhe fundamenta a obra são como a semeadura de uma poesia que por vezes brota de uma terra cansada, concorrendo para que esta seja o retrato da realidade pintada com tintas fortes. Por sua vez, esse retrato recebe a assinatura de quem exerce com pleno domínio a vocação da poesia como um sistema capaz de engendrar imagens sugerindo-lhes, ao mesmo tempo, sucessivas reinvenções.

Na contracapa de *A cor da palavra*, Ferreira Gullar define: “Salgado Maranhão é um dos mais brilhantes poetas de sua geração” (MARANHÃO, 2009). Isso se deve ao constante exercício de situações da condição humana que se adensam com elevado rigor e extrema disciplina ao poético, dando-lhe o ponto exato com que a obra se

revolucionária não há arte revolucionária” (1985, p. 405), com que os concretistas consignam o “Plano-Piloto para Poesia Concreta”. Assim, a originalidade de sua poesia o coloca para além das dissensões, proporcionando-lhe um campo neutro às disputas.

Ao comentar a poesia de Salgado Maranhão, Luiz Fernando Valente nos diz: “Por toda a sua obra, Salgado Maranhão propõe insistentemente que é talvez somente na criação artística que possamos realizar uma vitória sobre o tempo”. (MARANHÃO, 2009, p. 412). E prossegue afirmando que “Salgado Maranhão representa um elo importante na evolução do que identificamos como a linha apolínea na moderna poesia brasileira” (p. 415). Ao contrariar a ordem das expressões carnavalizadas que se efetivam na poesia modernista, em Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Murilo Mendes, por exemplo, além de distanciar-se sem eximir-se da relação como a liberação que a Poesia Marginal promove, a poesia de Salgado Maranhão busca de forma incessante um caminho que lhe seja incomum. “A poesia é o lugar onde tudo pode ser dito. Mas não vale o escrito, se ele não se submeter ao imperativo da forma” (2013, p. 312), explicita Antonio Carlos Secchin.

Em que pese à recorrência do verso em sua expressão de síntese e rigor, a poesia de Salgado Maranhão também pode remeter o leitor a um tipo de clamor ordenado, quando se expressa em “Tributo a Bob Marley” (2009, p. 24), confirmando o que Paul Zumthor, ao referir-se à poesia, chama de “uma arte da linguagem humana, independente de seus modos de concretização...” (2007, p. 12). Assim, as coisas são o que são, residindo aí o esforço humano em contemplar seu mais profundo desejo. Para Arnaldo Antunes, “as coisas não têm paz” (1993, p. 91). Mesmo assim a poesia nos alimenta, sendo a chuva que irriga da terra. Por tudo isso, estamos diante de uma obra que refloresce na poesia brasileira, sem dúvida, entre as de maior representação.

BIBLIOGRAFÍA

ANTUNES, Arnaldo. *As coisas*. São Paulo: Iluminuras, 1993.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LAFETÁ, João Luiz. *A dimensão da noite*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2004.

MARANHÃO, Salgado. *A cor da palavra*. Rio de Janeiro: Imago, Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

NUNES, Benedito. *A clave do poético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCRAMIM, Susana. *Literatura do presente: história e anacronismo dos textos*. Chapecó: Argos, 2007.

SECCHIN, Antonio Carlos. Poesia: escutas e escritas In: VIOLA, Alan Flávio (org.). *Crítica literária contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SISCAR, Marcos. *Poesia e crise: ensaios sobre a “crise da poesia” como topos da modernidade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

SOUZA, Iracy Conceição de. *Ciranda da poesia: Salgado Maranhão*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

TELES, Gilberto Mendonça. (org.). *Vanguarda europeia e Modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

TORQUATO NETO. *Os últimos dias de Paupéria*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, 1973.

VALENTE, Luiz Fernando. “O traço apolíneo de Salgado Maranhão” In: MARANHÃO, Salgado. *A cor da palavra*. Rio de Janeiro: Imago, Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.